

## Freud e a filosofia

Sérgio Paulo Rouanet

Universidade de Brasília

E-mail: rouanet@uol.com.br

**Resumo:** Desde o início, Freud teve com a filosofia uma relação que só pode ser caracterizada por um termo técnico da psicanálise: a ambivalência. Ele construiu sua disciplina contra a filosofia, na medida em que pretendia distinguir a psicanálise de uma simples concepção do mundo, e através da filosofia, na medida em que foi profundamente influenciado por filósofos como Empédocles, Platão, Kant, Schopenhauer e Nietzsche. Foi, assim, uma atitude simultânea de afirmação e de denegação.

**Palavras-chave:** Freud; filosofia; ambivalência; concepção de mundo.

**Abstract:** Since the beginning, Freud established a relationship with philosophy which can only be characterized with a technical term from psychoanalysis: ambivalence. He built his discipline against philosophy – he intended to distinguish psychoanalysis from a simple world-views – and through philosophy – he was deeply influenced by philosophers such as Empedocle, Plato, Kant, Schopenhauer and Nietzsche. That was an attitude of both affirmation and denegation.

**Key-words:** Freud; Philosophy; ambivalence; conception of the world.

A filosofia, para Freud, pertence a um “reino intermediário” entre o desejo e a realidade, e nisso tem o mesmo estatuto da literatura. Mas Freud sempre teve uma atitude fortemente positiva com relação à literatura, ao passo que é muito ambíguo no tocante à filosofia.

O escritor, para ele, é como o neurótico, que foge da realidade, mas, ao contrário dele, acha seu caminho de volta para a realidade. Em vez de censurar as produções do inconsciente, transforma-as em obras de arte. É “aliado” do psicanalista, descobre em si mesmo os processos inconscientes que o analista descobre nos pacientes. Chega aos mesmos resultados, por outros caminhos.

Mas a atitude de Freud com relação a outra habitante do reino intermediário, a filosofia, só pode ser classificada por um termo técnico da própria psicanálise: a ambivalência. Ele valoriza a filosofia e distancia-se dela.

A atitude de valorização é explícita no jovem Freud, antes do advento da psicanálise.

Foi depois de ouvir a leitura, em 1873, de um ensaio filosófico sobre a natureza, atribuído a Goethe, que ele se decidiu a estudar medicina. A partir de 1874, freqüentou seminários de Franz Brentano sobre filosofia, disciplina não-obrigatória pela qual ele negligenciou cursos muito mais relevantes para um estudante de medicina. Brentano ficara conhecido pela publicação, em 1862, de sua tese sobre *As múltiplas significações do ser em Aristóteles*. Era, ao mesmo tempo, filósofo aristotélico e psicólogo empirista, combinando assim a tendência especulativa com a ciência, dupla característica que também se aplicaria a Freud. Fora um padre católico, mas abandonara a batina, o que lhe valeu a hostilidade da igreja e do governo, e o interesse de Freud, que sempre teve um fraco por autores dissidentes. Numa carta a Biswanger, Freud diz ter-se interessado por Strauss, autor de uma vida heterodoxa de Jesus, e por Feuerbach, hegeliano de esquerda que influenciou profundamente Marx. Ora, Strauss e Feurbach tinham sido debatidos nos seminários filosóficos de Brentano.

O interesse de Freud pela filosofia continuou nos anos 80. Redigiu para sua noiva um ABC filosófico. Em carta a Martha, de 1882, diz que imaginava a filosofia como um objetivo e um refúgio para sua velhice. Em carta a Fliess, de 1896, disse que estava a ponto de realizar um desejo da juventude (o conhecimento filosófico), passando da medicina

à psicologia. Em outra carta, de 1897, escreve que aspirava a realizar seu objetivo originário, a filosofia.

Mas depois intervém uma guinada. Em sua *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, de 1914, afirma que em sua juventude não tivera nenhum gosto pela leitura dos autores filosóficos. Em 1925, na *Auto-apresentação*, disse que sempre evitara cuidadosamente o estudo da filosofia, atribuindo essa abstenção a uma “incapacidade constitucional”. Em 1930, disse que “os problemas filosóficos lhe eram tão alheios que não podia tomar posição a respeito”. Em carta a Biswanger, disse que o grande inimigo da ciência era o “demônio filosófico”. Assim, ao contrário de Marx, que admitiu ter passado de uma fase especulativa – a dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* – para uma fase científica – a do *Capital* –, Freud nunca reconheceu ter evoluído de um posição pró-filosófica original em direção a uma atitude pós-filosófica: ele nega ter passado, de todo, por uma fase filosófica. Estamos diante, portanto, de uma verdadeira denegação ou mesmo de uma anulação retroativa. Por quê?

A resposta é que Freud precisava dar legitimidade teórica à sua jovem ciência, e a filosofia constituía um obstáculo a esse projeto, por duas razões.

A primeira é que a filosofia do seu tempo partia da tese, inaceitável para a psicanálise, da separação radical entre o inconsciente e o psíquico. Essa tese era sustentada por duas correntes filosóficas, opostas em teoria, mas convergentes na prática. A primeira era o consciencialismo, que excluía o inconsciente da vida psíquica ou o banalizava, relegando-o ao estatuto de consciência virtual, por assim dizer de “consciência distraída”, algo susceptível de ser consciente, mas que, no momento e só provisoriamente, escapava ao campo da atenção. A outra corrente era o transcendentalismo, que hipostasiava o inconsciente, transformando-o numa entidade metafísica, misteriosa. Ou seja, ou os filósofos identificavam o psíquico com o consciente, tirando dessa definição a conclusão de que o inconsciente não era de ordem psíquica e, portanto, não podia ser objeto da psicologia, ou viam no inconsciente um ente místico, intangível

e inapreensível, cuja relação com o aparelho psíquico permanecia obscura. Em contraste, Freud não somente afirmava a realidade do inconsciente, tese em que ele não foi pioneiro, como o situava categoricamente na esfera do psíquico, e não num plano transcendente ao psiquismo individual. Brentano criticara o transcendentalismo irracionalista de von Hartmann, mas, para isso, julgou-se obrigado a negar a existência de processos psíquicos inconscientes. Freud perfilhou a crítica a Hartman feita por seu antigo professor, assumindo uma posição totalmente anti-espiritualista, imanentista, mas o faz instalando tanto a consciência quanto o inconsciente dentro do aparelho psíquico.

Por que essa recusa em aceitar a realidade do inconsciente ou de expulsá-lo dos processos psíquicos individuais, relegando-o a uma esfera transcendente? A recusa vinha, para Freud, de uma resistência afetiva devida ao fato de que ninguém quer admitir que parte de sua vida psíquica seja atravessada por conflitos inconscientes, achando mais cômodo negar, simplesmente, a existência desses conflitos. O problema é que os filósofos não conhecem o material experimental em que se baseia a psicanálise para defender suas teses sobre o inconsciente, lacuna que não se deve às falhas individuais dos filósofos, mas à natureza especulativa, metafísica, da filosofia como tal.

A segunda razão pela qual Freud precisava distanciar-se da filosofia é que ela estava associada a um pensamento puramente especulativo, enquanto Freud fazia questão de afirmar a cientificidade de sua disciplina. Para Freud, a psicanálise não é um sistema, no sentido filosófico. O sistema tem uma ambição totalizante, quer compreender *das Weltganze*, segundo um ideal de inteligibilidade absoluta. A psicanálise, ao contrário, progride lentamente, com base na experiência, rente à observação, e por isso deve ser comparada às *Naturwissenschaften*, como a química e a física. Em vez de partir de princípios absolutos, ela parte de pressupostos provisórios. Opõe à ambição especulativa o empirismo científico; à universalidade sistematizante, o particularismo que se limita a uma região específica do real; ao fechamento do sistema, a abertura experimental. Com isso, Freud está

protegendo a psicanálise contra toda tentativa de anexação por parte de uma filosofia, e contra toda tentativa de transformar a própria psicanálise em filosofia ou em visão do mundo.

O perigo de anexação ficou tangível no congresso de Weimar, em 1911, quando James J. Putnam, hegeliano convicto e fundador da Sociedade Americana de Psicanálise quis “hegelianizar” a psicanálise. Ora, Hegel era para Freud a própria encarnação da deformação especulativa. A tentativa foi, assim, muito mal recebida. Aliás, Freud tinha a mesma relutância com relação a tentativas de subordinar a psicanálise à biologia ou à anatomia cerebral. Em carta a Jung de 1911, usou a divisa de Garibaldi e Mazzini, dizendo que a psicanálise “*farà da sè*”, defendendo assim uma espécie de “nacionalismo epistêmico”. Do mesmo modo, recusou a hiper-sistematização da psicanálise, como foi feito por A. Kronfeld, que transformou o freudismo num sistema conceitual fechado, hiperlógico. Essa preocupação em depurar a psicanálise de conotações filosóficas se exacerbou depois que Pierre Janet afirmou, no congresso de Medicina de Londres, em 1913, que a psicanálise era antes de tudo uma filosofia e que ela não deveria ser levada ao leito dos doentes.

Não, diz Freud, não somente a psicanálise não é uma filosofia como são seus inimigos que importam de fora uma filosofia que lhe é estranha. É o que fazem os irracionalistas, que, partindo da segunda tópica, pela qual o Ego é visto como dependente do Id e do Superego, afirmam que o Ego é frágil, vulnerável. O complexo campo de forças implícito no jogo das três instâncias é hipostasiado num conflito entre o “racional” e o “demoníaco”. Uma parte é sobreinvestida, tornando-se uma instância dominante, em prejuízo do todo. É um pouco o que fizeram os jovens hegelianos, cada um dos quais se apropriou de um aspecto parcial do sistema de Hegel, brandindo-o contra o sistema como um todo e contra outros hegelianos. Foi também o um que fez Georg Groddeck, no *Livro do Id*, transformando o Id na instância suprema, numa força que nos faz pensar e agir e que faz com que sejamos vividos, impedindo-nos de viver.

Freud recusa essa elevação do Id a potência hegemônica, tentativa banal de transformar um jogo de forças num monismo simplificador.<sup>1</sup>

O que ele recusa, em sumá, é a conversão da psicanálise numa *Weltanschauung*, no sentido de Dilthey, numa concepção do mundo. Zomba, por isso, dos que desejam transformar o saber num guia Baedeker. Quem canta no escuro, diz Freud, pode espantar seu medo, mas nem por isso vê mais claro (Freud 1926d, p. 123). O autor de concepções do mundo é como o filósofo de Heine, que “quer tapar todos os buracos do universo com seu boné de noite e com os farrapos de sua camisola” (Freud 1933a, p. 173).

Em suma, a oposição filosofia-psicanálise é estruturada por duas oposições parciais: a oposição consciente inconsciente e a oposição visão do mundo-ciência. Ambas se articulam entre si, porque a tese que afirma o primado da consciência está ligada à atitude narcísica e autocentrada subjacente às visões do mundo, que pressupõem o primado do sujeito do conhecimento na constituição do real. Ao recusar esse primado, a psicanálise supera o narcisismo e assume a atitude de descentramento objetivista que caracteriza a ciência. Recusando a filosofia, portanto, a psicanálise ao mesmo tempo reconhece o papel decisivo do inconsciente na imanência do aparelho psíquico e funda a cientificidade do seu saber.

Mas será que, com isso, a psicanálise abriu mão completamente da tentação especulativa da filosofia? Pode-se duvidar disso, se levarmos em conta a importância decisiva que Freud atribui à sua metapsicologia. Na correspondência com Fliess, a palavra alude à vocação filosófica original de Freud. Em carta de 1896, citada por Ernest Jones, Freud diz: “minha filha ideal, minha filha-problema: a metapsicologia” (Jones 1953, p. 294). Essa formulação mostra o extraordinário investimento afetivo de Freud. É um hino de amor à filosofia, como fica claro em outra carta. “Espero que dê ouvidos a algumas questões metapsicológicas... Não aspirei, em

<sup>1</sup> Para informações exaustivas sobre a atitude de Freud com relação à filosofia, vide, principalmente, Assoun 1976, no qual baseei grande parte deste texto.

meus anos de juventude, senão ao conhecimento filosófico, e agora estou a ponto de realizar esse desejo, passando da medicina à psicologia” (Freud e Fliess 1986, carta 93, de 2.4.1896, p. 190). Na *Psicopatologia da vida cotidiana*, ele deixa claro que a metapsicologia está ligada à metafísica, e que nisso o prefixo “meta”, comum às duas palavras, não é acidental. O “meta” é o fundamento arqueológico do psiquismo, isto é, o inconsciente. A psicologia do inconsciente é a tradução da metafísica em metapsicologia. Num primeiro tempo, o sujeito percebe, obscuramente, alguns processos inconscientes, através de uma percepção endopsíquica; num segundo tempo, ele objetiva esse conhecimento obscuro projetando-o no mundo exterior sob a forma de concepções mitológicas do mundo; num terceiro momento, a psicanálise intervém para retransformar (*zurückwandeln*) essa realidade supra-sensível em psicologia do inconsciente. É o papel da metapsicologia: não uma atividade transcendente destinada a substituir outra atividade transcendente, a metafísica, e sim uma atividade imanente, que dissolve as ilusões metafísicas produzidas pelo psiquismo através da investigação interna do próprio psiquismo.

Sem dúvida, o Freud maduro vê na metapsicologia, simplesmente, a dimensão mais teórica de sua psicologia. É um conjunto de *Grundbegriffe*, de conceitos fundamentais, que desempenham na psicanálise a mesma função que conceitos como força, massa e volume desempenham na física. São conceitos perfectíveis, aproximativos, ao contrário dos princípios absolutos e apodícticos da filosofia. É esse tipo de racionalidade flexível que faz da psicanálise uma *Naturwissenschaft*, segundo a nova física relativista que estava emergindo no início do século 20. Em 1915, ele define o conteúdo da metapsicologia dizendo que a descrição metapsicológica completa de um fato psíquico deve levar em conta os aspectos dinâmico (que considera o conflito de forças opostas), tópicos (que considera o jogo das instâncias – Ego, superego, id) e econômico (que considera as quantidades psíquicas).

Seria a metapsicologia, no sentido de 1915, um mero reinvestimento cientificista da aspiração filosófica original? Sim, em parte. Mas,



o fato de haver mantido a mesma palavra não é um indício, também, de que não rompera de todo com seu passado filosófico? Em todo caso, há traços inequívocos da antiga reverência pela filosofia, mesmo na obra madura de Freud.

É o que se nota, por exemplo, na tentativa freudiana de interpretar, em 1929, dois sonhos de Descartes. No primeiro, a janela do quarto do filósofo se abre e ele é arrastado para o colégio onde estudara. Uma rajada de vento o empurra para a capela. Acorda, acha que um mau gênio tinha querido seduzi-lo, quer exorcisá-lo. Dorme de novo, sonha que acorda com um trovão, não sabe se está dormindo ou acordado, dorme dentro do sonho, abre um dicionário, depois um livro de poesias, lê um verso “*quod vitae sectabor iter*”. Chega um homem que ele não conhece e finge fazê-lo ler uma peça de Ausônio, começando com as palavras *Est et non*. O livro e o homem desaparecem, a tempestade se acalma.

Freud diz que seu primeiro sentimento ao ler essa descrição fora uma impressão de angústia, porque o sonhador não podia dar-lhe os esclarecimentos necessários para a interpretação. Depois diz que é um sonho *d'en haut*, contendo idéias que poderiam ter sido criadas tanto em estado de vigília como de sono. Nesse tipo de sonho, o próprio sonhador pode explicar o sentido do sonho, porque este está muito próximo do pensamento consciente. É o que faz Descartes, dizendo, por exemplo, que o dicionário era uma enciclopédia de todas as ciências, e o *est e o non* representavam a verdade e a falsidade nos conhecimentos humanos. O vento representava o espírito do mal, e o trovão era o sinal do “espírito da verdade”.

Espantosamente, Freud aceita essa explicação, ignorando todas as regras técnicas de sua *Traumdeutung*, que manda tratar as partes intelectuais do sonho do mesmo modo que as partes absurdas. As partes que, aparentemente, poderiam ter sido produzidas em estado de vigília fazem parte dos pensamentos do sonho, intervêm nele a título de elaboração secundária, ou seja, sua clareza aparente funciona como um elemento de ocultação, é parte do processo de censura. Nada justifica que Freud acei-



tasse a interpretação de Descartes, que parece dever mais ao simbolismo popular da chave dos sonhos (dicionário=sabedoria, vendaval= mal) que às regras da psicanálise. Daí, talvez, a angústia que Freud diz ter sentido. Ela vinha em parte do desconforto que ele experimentava por ter sacrificado o rigor do seu método ao sentimento de respeito que lhe inspirava o maior filósofo da modernidade (“*Brief an Maxime Leroy über einen Traum des Cartesius*, GW, XIV, pp. 558-560).

Incapaz de aceitar a filosofia sem reservas ou de rejeitá-la *in toto*, Freud acaba transformando sua ambivalência numa formação de compromisso. A valorização e a desvalorização da filosofia se fundem na unidade tensa de uma atitude em que a filosofia é autorizada a manter-se ao lado da psicanálise, desde que se resigne a constituir 1) seja uma simples instância legitimadora da psicanálise, sem um verdadeiro potencial cognitivo, 2) seja um saber deficitário, dependente da psicanálise para livrar-se dos seus erros, 3) seja um saber provisório, destinado a ser superado com a difusão social da ciência.

Primeiro, em seu papel de instância legitimadora, a filosofia não somente conserva sua dignidade, mas é elevada a uma posição tão excelsa quanto a que Freud reservava à literatura. Não apenas Shakespeare e Goethe anteciparam, com sua genialidade profética, conhecimentos que só muito mais tarde seriam adquiridos pela psicanálise, mas também os filósofos. Como os escritores, os filósofos são convocados a título de aliados, *Bundesgenossen*, descobridores intuitivos de verdades psicanalíticas. Quanto mais novas ou chocantes as teses, maiores as chances de que Freud vá buscar para elas um avalista filosófico, um precedente. Por exemplo, o conflito entre a pulsão da vida e a da morte foi antecipado por Empédocles, para quem o mundo físico e o da alma são regidos por dois princípios, a *filia*, o amor, e *neikos*, a discórdia. O conceito ampliado de Eros, que está na base da segunda teoria das pulsões, teria sido antecipado pelo “divino Platão”. Foi o mesmo Platão, com o mito dos andróginos, que antecipou a idéia psicanalítica de que também a pulsão erótica, e não somente a pulsão de morte, tem caráter regressivo, na medida em que as “metades” separadas

aspiram ao reencontro da fusão original. Diderot teria sido precursor da noção do complexo de Édipo, quando diz, no *Sobrinho de Rameau*, que se um recém-nascido tivesse a força de um homem, estrangularia seu pai e dormiria com sua mãe. Quanto a Kant, Freud diz que em seu rigorismo, o imperativo categórico pode ser considerado o “herdeiro do complexo de Édipo”, pela mediação do Superego. O inconsciente é equiparado à coisa em si kantiana: ambos são inacessíveis à consciência, e o que sabemos do mundo exterior corresponde tão pouco ao que ele verdadeiramente é, em sua estrutura numenal, quanto o que sabemos do mundo interior, em sua realidade inconsciente. Schopenhauer teria antecipado não só a teoria do recalque como a teoria dos sonhos e aquela que atribui à sexualidade uma importância decisiva. Quanto a Nietzsche, embora tivesse sustentado a tese absurda de que nunca o lera, para evitar sua influência, Freud não consegue resistir à tentação de buscar em muitas ocasiões o aval do filósofo. Na *Auto-apresentação*, diz que Nietzsche estava entre os pensadores cujas intuições coincidiam do modo mais surpreendente com os resultados da psicanálise. Na *Interpretação dos sonhos*, afirma que Nietzsche antecipara a teoria de que o sonho era uma regressão à infância individual e filogenética. Em todos esses exemplos, a filosofia mantém-se em seu pedestal, desde que não desça dele abrindo mão do seu estatuto intuitivo para disputar a condição de ciência, pois esse atributo é reservado à psicanálise.

Segundo, apesar de tudo, a filosofia pode ser considerada um saber, desde que leve em conta os ensinamentos da psicanálise. É o que diz Freud, em *O interesse na psicanálise*, de 1913. A filosofia é intimada a aceitar as teses psicanalíticas se quiser preservar um mínimo de cientificidade. Ela não pode, por exemplo, continuar afirmando que o inconsciente é algo de transcendental, de transpsíquico ou de extrapsíquico, de alheio ao psiquismo, instalado, por exemplo, na esfera orgânica. A psicanálise pode ainda ter “interesse” para a filosofia, na medida em que se torna ela própria objeto da psicanálise. Pois a filosofia é feita por individualidades, por homens de *hervorragende individueller Ausprägung*, e a psicanálise nos ensina a derivar das disposições pulsionais desses indivíduos as transfor-

mações e resultados finais, que se manifestam no plano lógico-conceitual. O papel desempenhado pela personalidade é incomparavelmente mais importante na filosofia do que em qualquer outra forma de saber, dado o estatuto da filosofia, de “cidadã de dois mundos.” A psicanálise “descobre a relação existente entre, por um lado, as disposições constitucionais e as circunstâncias biográficas de uma pessoa e, por outro, as obras que ela produz em virtude de um talento especial”. Assim como a psicanálise pode desvendar a personalidade íntima do artista, que se esconde atrás da obra, ela pode também desvendar “as motivações subjetivas e individuais das doutrinas filosóficas, que supostamente se originaram de um trabalho lógico imparcial, e indicar à própria crítica os pontos fracos do sistema. Fazer ela mesma essa crítica não é tarefa da psicanálise, porque, obviamente, a determinação psicológica de uma teoria não exclui de nenhum modo sua exatidão científica” (Freud 1913j, pp. 405-407). Assim, não se trata apenas de fazer uma “psicografia” do filósofo a partir da obra, mas de aplicar a psicanálise à obra, a fim de descobrir nela os “pontos fracos”, isto é, aqueles que, parecendo lógicos, são na verdade produtos de uma motivação puramente subjetiva, em contraste com os “pontos fortes”, em que a objetividade é mais evidente. A psicanálise faz a triagem entre os enunciados pseudológicos, em que a discursividade é apenas a máscara do pulsional, uma forma de ocultação, e os verdadeiramente lógicos. A objetividade de um sistema filosófico pode ser definida como o conjunto de enunciados que resistem ao trabalho de purificação psicanalítica.

Terceiro, a filosofia pode ser aceita como saber provisório, ligado a uma fase ainda imatura do desenvolvimento social. Pois ela não é só uma atividade individual, mas cultural, e, portanto, a psicanálise não pode limitar-se a desvendá-la como produto do desejo do filósofo, mas como produto da civilização. A psicanálise nos habilita a lançar luz sobre “as origens de nossas grandes instituições culturais, a religião, a moralidade, o direito, a filosofia” (Freud 1913j, p. 415). E isso porque as fontes das realizações psíquicas dos indivíduos normais e dos neuróticos são as mesmas. Uma das principais funções do aparelho psíquico é aliviar o indivíduo das

tensões produzidas por *ananké*, pela necessidade. Em parte, ele satisfaz suas necessidades através da dominação da natureza. Mas grande parte dessa satisfação é negada pela realidade, o que força o homem a satisfazê-las por outros meios, como crenças mágicas e religiosas, fundadas em maior ou menor grau no princípio do prazer-desprazer, destinado a manter à distância uma realidade ameaçadora. Mas, pouco a pouco, o homem vai substituindo essa forma ilusória de satisfação das necessidades por uma forma mais adequada, voltada para a adaptação à realidade. Ele se afasta cada vez mais da crença original na onipotência das idéias, e, por uma espécie de lei comteana dos três estágios, passa de uma fase animista para a religiosa e, daí, para a científica. Essa lei pode ser vista como a descrição das formas sucessivas de superação do narcisismo, desde a fase em que o homem se tomava como única realidade, passando pela transferência dessa onipotência aos deuses, até o reconhecimento, na última fase, do poder da realidade e da insignificância do homem. A arte é herdeira da fase animista, é um reinvestimento do animismo primitivo: o jogo do artista é uma ilusão animista, baseada na crença na realidade do jogo.

Na trilogia arte-religião-ciência, qual o lugar da filosofia? Ela é intermediária entre a arte e a ciência. Como a arte, visa à totalização do real, baseada na crença na onipotência das idéias, mas, como a ciência, visa o real, através do conceito. O animismo subsiste, recessivamente, na filosofia, através da superestimação da magia verbal, do pensamento como guia e norma do mundo. Mas esse animismo residual é um sintoma de que é preciso fazer a etiologia. Atrás desse animismo, existe o narcisismo. É o narcisismo que está na origem da filosofia consciencialista, que, para se proteger da terceira "ferida narcísica", nega a existência de tudo o que não é o Ego consciente, de tudo o que é o não-Ego, o não-consciente. Mas que narcisismo? Freud fala num narcisismo primário, anobjetal, estado precoce em que a criança investe toda a libido em si mesma, mas não pode ser esse o narcisismo que está na base do desejo filosófico, porque esse desejo não é anobjetal, já que tenta explicitamente dar conta do real. É o narcisismo secundário, aquele em que a libido, já investida pelo Id nos objetos, é

retirada desses objetos pelo Ego, que a reinveste em si mesmo. É isso que explica a correlação paradoxal entre o primado do Ego e a preocupação com o real no projeto filosófico. Daí a força e a ilusão da filosofia: ela legitima a ilusão que faz o homem sentir-se em casa em sua própria alma. A filosofia consciencialista fornece os títulos de justificação da autocracia do ego. A oposição filosofia-ciência pode ser reformulada como a oposição entre uma libido do eu que passou pela experiência da relação com o objeto e uma libido de objeto reinvestida. É o narcisismo que opera a junção entre a filosofia como atividade individual e como atividade da cultura. É o narcisismo secundário que torna possível a sublimação. A retirada da libido do objeto para o Ego cria uma energia dessexualizada, e é a partir dela que se dá o processo de sublimação, a conversão da energia sexual para fins socialmente aprovados. Ora, entre as formas de sublimação está a atividade filosófica. É por se originar no eu narcísico que a sublimação filosófica é tão egóica, tão autocentrada.

Se levarmos a sério o esquema evolucionista subjacente à lei freudiana dos três estágios, teremos de concluir que o saber filosófico é um saber aproximativo, típico de uma época que não ultrapassou de todo ainda o estágio animista, e que esse saber se tornará redundante quando a ciência tiver liberado a humanidade de sua fixação narcísica ao princípio do prazer, colocando-a a serviço do real.

Em todos esses casos, a psicanálise encontra um meio de conviver com a filosofia, desde que assuma uma posição dominante. No primeiro caso, a dominação se exerce pela estratégia de expulsar a filosofia do campo do saber, relegando-a a estatuto próximo da poesia ou do transe religioso, que permite ao filósofo descobrir a verdade do inconsciente porque se movimenta, ele próprio, em parte, na esfera dos processos primários. No segundo caso, a dominação se exerce pela sujeição da filosofia ao crivo da crítica psicanalítica, encarregada de desmascarar os “pontos fracos” da filosofia. No terceiro caso, a dominação se dá pela submissão da filosofia a um relativismo historicista que atribui uma validade meramente provisória à reflexão filosófica.

É óbvio, portanto, que a formação de compromisso construída por Freud é instável, fortemente desequilibrada a favor do pólo anti-filosófico, o que torna ao mesmo tempo necessária e difícil a tarefa visada por este Congresso: o desenvolvimento de uma filosofia da psicanálise. Pois o que dissemos antes deixa claro que a interrogação filosófica da psicanálise é qualitativamente diferente da interrogação filosófica de qualquer outra esfera da cultura: ciência, Estado, linguagem, direito, história. Em nenhum desses casos há uma resistência especial ao olhar filosófico. A ciência, o Estado, a linguagem, o direito e história via de regra submetem-se de bom grado à tentativa da filosofia de tomá-los por objetos, pois não têm nenhum receio de serem anexados por uma disciplina que funcionasse como uma espécie de instância reguladora dos seus respectivos saberes. Assim, uma coisa é a ciência como uma série de enunciados sobre o mundo baseados na observação e na experiência, e outra é a filosofia da ciência, que se ocupa da questão da verificabilidade desses enunciados à luz de diferentes grades epistemológicas, como o idealismo ou o materialismo, ou a teoria consensual da verdade *versus* a teoria da adequação, e outras semelhantes. As fronteiras são claras e, por isso, a ciência não tem nenhuma hostilidade de princípio à filosofia da ciência. O mesmo não acontece no caso da relação entre a filosofia e a psicanálise, pelo menos a freudiana. Por tudo o que vimos, Freud hesitaria em colocar a psicanálise em posição de objeto com relação à filosofia, e teria muito mais simpatia pela idéia de uma psicanálise da filosofia que pela de uma filosofia da psicanálise. Em parte, essa atitude é uma idiosincrasia de Freud, que não se aplica, necessariamente, a todos os seus sucessores, como provam as tentativas, perfeitamente válidas, de Wittgenstein a Habermas e Ricoeur, de interrogar filosoficamente a psicanálise. Mas penso que as dificuldades da relação entre Freud e a filosofia apontam para problemas epistemológicos de caráter objetivo, que não podem ser ignorados por nosso Congresso, cuja superação constitui uma pré-condição para o progresso da nossa disciplina.

## Referências

- Assoun, Paul-Laurent 1976 : *Freud et la philosophie*. Paris, PUF.
- Freud, Sigmund 1940-1952: *Gesammelte Werke (GW)*. Londres, Imago.
- \_\_\_\_ 1926d: "Hemmung, Symptom and Angst", GW, v. XIV.
- \_\_\_\_ 1933a: *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in der Psychoanalyse*, GW, v. XV.
- \_\_\_\_ 1913j: "Das Interesse an der Psychoanalyse", GW, v. VIII.
- Freud, Sigmund e Fliess, Whilhem 1986: *Briefe an W. Fliess*. Frankfurt, S. Fisher.
- Jones, Ernest 1953: *The Life and Work of Sigmund Freud*. Vol. I. New York, Basic Books.